

PMDB-DF muda tática de comício

10 SET 1986

Embora conteste, veemente, os cálculos da imprensa que não chegaram a totalizar mil pessoas no comício de domingo passado na Ceilândia — o partido contou 3.500 no pico do comparecimento, às 16h30min — o PMDB vai mudar de estratégia: nos nove comícios programados para as tardes de domingo nas cidades-satélites, vai concentrar seu poder de mobilização no próprio local do ato público. Vai deixar, portanto, de transportar gente de outros locais e colocar seus ônibus à disposição exclusiva dos eleitores da satélite anfitriã.

Essa a conclusão a que o partido chegou, segundo seu presidente, Milton Seligman, ao dar por terminada, ontem, sua avaliação sobre os efeitos (e defeitos) do comício da Ceilândia, conseguindo, inclusive, pacificar as duas facções que lutaram em palanque no domingo. O trabalho de mobilização só vai ser geral para o último comício, a ser promovido dois dias antes da eleição, em frente ao Conjunto Nacional, no qual Seligman pretende reunir gente de todo o Distrito Federal.

Além dos dominicais, Seligman revelou que o partido vai fazer comícios pequenos, reunindo poucos candidatos, de surpresa, em pontos do Plano Piloto e cidades-satélites onde costuma haver concentração de populares. O presidente peemedebista citou como exemplos o Setor Comercial Sul, os dois Sistores de Diversões, o Centro Comercial Gilberto Salomão, o estacionamento do Conjunto Nacional e o supermercado da SAB do Lago Norte.

Seligman admite que houve falha no esquema de mobilização montado para o comício da Ceilândia, mas prefere não se aprofundar na questão. Já o chefe do Departamento da Ciência Política e Relações Internacionais da UnB, David Fleischer, faz diagnóstico semelhante mas ensina que "a mobilização, num comício, é mais importante do que o próprio conteúdo. A pessoa é contagiada mais pelo entusiasmo de ir à

concentração do que pelos discursos que vai ouvir".

Segundo o professor Fleischer, a característica urbana da cidade de dificultar concentrações não pode ser responsabilizada pelo fiasco do último comício. "O povo — afirma — está preferindo ver corrida de Fórmula 1, corrida de motocicleta e jogo do Sobradinho. Mas tanto a divulgação quanto a mobilização foram inadequadas".

Fleischer comparou os comícios já realizados nesta campanha eleitoral (do PFL e do PMDB) com outras concentrações de motivação política: "Houve temas que empolgaram a cidade, com o dia das buzinas e o comício das diretas. Na verdade, o maior comício que Brasília já fez foi o enterro do ex-presidente Juscelino. Os comícios dos partidos não estão empolgando a população para sair de casa nos fins de semana".

David Fleischer acrescenta que "se o PMDB, que é o partido do Governo, não conseguiu uma boa mobilização, então houve problema com seus membros que estão no poder. Quando Brizola e Hélio Garcia resolvem fazer um comício, a máquina do Estado sempre entra em ação, e chega até a obrigar gente a comparecer. Ano passado houve uma grande mobilização para a eleição dos diretores das escolas. A falta de gente no comício da Ceilândia pode ter a ver com a demissão dos eleitos para as diretorias dos complexos escolares. Mas o que eu quero dizer é que o PMDB de agora tem certa semelhança com o antigo PDS: está no poder sem ser o poder".

O professor Frederico Holanda, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB, também nega que a disposição espacial da cidade tenha influído para o esvaziamento dos comícios. "Se esses comícios tivessem sido realizados em dias de semana, é claro que a infraestrutura urbana poderia ter influído para dificultar a concentração de pessoas. Mas em fim de semana esse fator não pode ser considerado".